

MESTRES DAS ARTES, MESTRES DO PATRIMÔNIO. POR UMA ECONOMIA DA CULTURA EM ALAGOAS À PARTIR DO ARTESANATO EM BARRO.

JANAINA CARDOSO DE MELLO*

Resumo: O estudo e resgate da memória de um processo produtivo, buscando identificar suas etapas, usos, interesses materiais e simbologias, tanto dos produtores como das peças moldadas, coloca-se como um meio para registrar e difundir as tradições do artesanato em barro no povoado quilombola do Muquém, em Alagoas. A análise realizada nesse artigo perpassa tanto a perspectiva dos estudos do patrimônio cultural imaterial, bem como a relação deste com a cadeia produtiva imiscuída no sistema capitalista orientada para o que se convencionou chamar de Economia da Cultura. Apropriar-se da cultura não apenas através das relações identitárias, mas também monetárias faz com que os grupos sociais, que outrora estava à margem da macroeconomia, se “empoderem” de seus próprios destinos como sujeitos de suas trajetórias. Para a descrição tipológica e a análise simbólica das peças da artesã que se constitui no estudo de caso desse trabalho, a Mestre Irineia, recorre-se ao método etnográfico da Antropologia Social e Cultural de Geertz.

Palavras-chave: memória, patrimônio imaterial, artesanato, Alagoas, Sergipe.

Introdução

O estudo e resgate da memória de um processo produtivo, buscando identificar suas etapas, usos, interesses materiais e simbologias, tanto dos produtores como das peças moldadas, coloca-se como um meio para registrar e difundir as tradições do artesanato em barro no povoado quilombola do Muquém em Alagoas.

O povoado Muquém é composto pela comunidade negra de remanescentes do Quilombo dos Palmares que “[...] ainda conserva alguns dos costumes africanos como a fabricação de farinha de mandioca e a produção cerâmica utilitária seguindo os moldes tradicionais” (SEBRAE-AL, 2004:117).

* Universidade Federal de Sergipe (UFS), Professora Adjunta do Curso de Graduação em Museologia e do PROHIS, Mestrado em História; Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Professora do PPGH: Mestrado em História; Doutora em História Social (PPGHIS/UFRJ).

A análise realizada nesse artigo perpassa tanto a perspectiva dos estudos do patrimônio cultural imaterial, bem como a relação deste com a cadeia produtiva imiscuída no sistema capitalista orientada para o que se convencionou chamar de Economia da Cultura.

Para tanto, parte-se da compreensão do conceito de “patrimônio imaterial” definido no 2º artigo do documento produzido na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, realizada em Paris de 29 de setembro ao dia 17 de outubro de 2003, sob a chancela da Organização das Nações Unidas (UNESCO):

as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2006:4).

A tradição ceramista sempre esteve presente em quase todas as sociedades humanas, tendo sido os objetos confeccionados utilizados para armazenar água ou víveres. Especificamente em Alagoas, o trato com a modelagem em barro remonta ao cotidiano dos povos indígenas e africanos que habitaram a territorialidade. Assim, “os modos de fazer”, transmitidos de geração em geração migraram para outras regiões, todavia, adaptando-se às culturas locais e constituindo-se em sua modelagem das especificidades de cada povoado (BARRETO, 2010).

Para além das funcionalidades próprias de cada objeto, as demandas do sistema capitalista terminaram por incidir na produção artesanal, fazendo com que a própria concepção artística ganhasse valor de mercado não apenas pelo uso prático, mas fundamentalmente pela apropriação cultural e identitária das peças.

Desse movimento destacaram-se mestres, transfigurados em “patrimônios vivos”, registrados no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) ou nos Livros de Tombos estaduais por sua arte e impulsionando assim a comercialização dos bens materiais produzidos.

A articulação cultura/comércio não é uma novidade, mas, é recente seu enquadramento no quadro da “Economia da Cultura”, aqui entendida como:

o aprendizado e o instrumental da lógica e das relações econômicas - da visão de fluxos e trocas; das relações entre criação, produção, distribuição e demanda; das diferenças entre valor e preço; do reconhecimento do capital humano; dos mecanismos mais variados de incentivos, subsídios, fomento, intervenção e regulação; e de muito mais – em favor da política pública não só de cultura, como de desenvolvimento (REIS, 2009:25).

Á partir do momento em que os artesãos aprendem o caminho da inserção no fluxo de bens e serviços (preço)/ criações e tradições (valores) através de um diálogo produtivo que os coadune, a geração de renda e de autosustentabilidade atua na salvaguarda dos ofícios e sabedorias únicas de populações tradicionais, bem como no estímulo de novos aprendizes.

Para a descrição tipológica e a análise simbólica das peças da artesã que se constitui no estudo de caso desse trabalho, a Mestra Irineia, recorre-se ao método etnográfico da Antropologia Social e Cultural de Geertz (2003).

Mestra Irineia e as cabeças com “pitote” no povoado quilombola do Muquém (Alagoas)

O povoado do Muquém, configura-se como uma comunidade quilombola, com aproximadamente 500 habitantes, localizado à 5Km da área urbana no município de União dos Palmares, à 70Km de Maceió e 14Km da Serra da Barriga¹ (COSTA, 2009:107).

O mapa geológico da região identificou a presença de arenitos com intercalações de siltitos e argilitos constitutivos de matéria prima para a indústria cerâmica local (MASCARENHAS; BELTRÃO; SOUZA JÚNIOR, 2005:4).

Figura 1: Mapa de Alagoas com destaque para União dos Palmares.



¹ Onde outrora se ergueu o famoso Quilombo dos Palmares, berço de Zumbi.

Fonte: Adaptação do mapa de inadimplência por competência de fiscalização do DETRAN-AL (2011), disponível em: <http://www.detran.al.gov.br>

Com uma geografia acidentada, situada ao norte de Alagoas, na Região Vale do Paraíba e Mundaú, em um plano topográfico mais alto, a comunidade vive quase isolada, embora nos últimos anos tenham se evidenciado políticas públicas desenvolvidas no âmbito da Secretaria de Estado da Infraestrutura (Seinfra) direcionadas para a construção de 120 unidades habitacionais para as famílias que buscam preservar as tradições da comunidade². Essa iniciativa visa também solucionar os efeitos danosos das chuvas inundaram grande parte da comunidade do Muquém e desabrigaram 86 famílias em 2010.

No projeto de revitalização infraestrutural do local, também consta a construção de um Centro de Artesanato no intuito de estimular a geração de trabalho e renda, vinculadas à manutenção das tradições, tendo em vista que:

[...] a comunidade vive de empregos municipais, aposentadorias, o desenvolvimento de uma discreta agricultura e pecuária, todavia, a maior expressão econômica se dá através do artesanato de argila que, há anos, permanece vivo como um vetor não somente econômico, mas cultural, já que [...] essa prática foi repassada de pai para filhos (COSTA, 2009:108).

É nessa comunidade que vive a Mestra Irineia Rosa Nunes da Silva, nascida no município de União dos Palmares em 10 de janeiro de 1947, filha de Manuel Vinícius da Silva e Maria Rosa da Conceição. Artesã de cerâmica, integra um grupo de remanescentes quilombolas no Muquém e iniciou seu ofício fazendo cabeças de barro para a complementação da renda familiar.

Figura 2: Mestra Irineia em seu local de ofício.



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

² Para maiores detalhes, conferir em: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticias/seinfra-constroi-casas-e-incentiva-cultura-dos-quilombolas-do-muquem> (Acesso em: 22/03/2013).

Tornou-se conhecida ao participar de feiras de artesanato em vários estados brasileiros, tendo recebido a Ordem do Mérito dos Palmares do governador de Alagoas. Foi ainda patrocinada pelo Estado para participar do Prêmio UNESCO de Artesanato para a América Latina e o Caribe³, em 2004, com mais 113 artistas brasileiros, tendo seu trabalho classificado entre os dez finalistas (SILVA; BOMFIM, 2007:155-156).

Pessoas ligadas à cultura local e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), através de um projeto de mapeamento de artesanato, incluíram seus trabalhos nos catálogos da cultura popular elaborados pelo Ministério da Cultura (MinC). É considerada como uma das melhores artesãs do barro, em Alagoas, na atualidade. Faz parte do Registro do Patrimônio Vivo de Alagoas - RPV/AL⁴, desde 2005.

O Registro do Patrimônio Vivo é o reconhecimento da importância do saber tradicional e popular que os mestres e mestras transmitem de geração em geração. Contribui como um estímulo à preservação da cultura do Estado nas áreas de danças, folguedos, literatura oral e/ou escrita, gastronomia, música, teatro, artesanato, dentre outras. O título, personificado em um certificado entregue em cerimônia solene, traz ainda como benefício uma bolsa mensal de incentivo vitalícia no valor de um salário mínimo e meio.

No Galpão de Artesanato, inaugurado em julho de 2006 na gestão do governador Luiz Abílio de Sousa Neto, as peças da Mestre Irineia, bastante diversificadas, recebem forma retratando o cotidiano da comunidade negra onde vive, bem como as tendências afro que despontam na mídia.

O barro, ou mais especificamente a argila, é esfarelada, peneirada, sendo umedecida para adquirir plasticidade e misturada a outros elementos químicos para se transformar em uma massa que forma uma bola moldada manualmente pelos dedos de Mestre Irineia. O punho também é usado para empurrar e socar, assim como um rolo de madeira também é utilizado no alisamento das peças. Não foi identificada a utilização de torno. Depois de decoradas com incisões e assinadas pela artesã, as obras são colocadas em prateleiras do lado direito do galpão para secar à sombra. Nessa fase apresentam uma coloração acinzentada.

³ Prêmio criado em 1990 para homenagear o talento de artesãos de várias partes do mundo, sendo constituído por um júri internacional.

⁴ Livro de Tombo nº 05, folha 07 frente, a partir de 13 de maio de 2005, conforme a Lei nº 6.513, de 22 de setembro de 2004.

Figura 3: A matéria prima das peças cerâmicas de Mestra Irineia



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

Depois de secas, as peças são cozidas ou queimadas em fogueiras com temperatura entre 650° e 1200° e é nessa etapa que a argila se transforma em cerâmica. As madeiras para a queima, são guardadas no próprio galpão. Após, a queima e o resfriamento dos objetos, esses, já com cor avermelhada são expostos nas prateleiras do lado esquerdo do galpão, sendo etiquetadas com um preço que remete-se ao trabalho ou dimensão das peças (altura x largura). Algumas peças seguem para os centros de comercialização de artesanato na estrada de acesso ao próprio povoado ou no próprio município de União dos Palmares, em uma antiga estação ferroviária que hoje abriga um local de venda de artesanatos variados que incluem as obras da Mestra Irineia e outros artesãos locais.

Para a descrição e compreensão do significado das peças de Mestra Irineia, o método etnográfico ainda se revela com maior potencial para a compreensão das escolhas artísticas. De acordo com Clifford Geertz (2003:10-11), a etnografia “cuja ocupação principal é determinar a razão pela qual este ou aquele povo faz aquilo que faz” produz uma leitura e uma escrita dos modos de ser, viver e fazer em comunidade.

Assim, a mão fechada que representa as lutas negras dos quilombolas na Serra da Barriga, carrega consigo toda uma simbologia de ancestralidades em busca de uma cidadania ainda precária na contemporaneidade e que por isso ainda enseja mobilização social. Embora seu significado traga em si toda uma carga emocional e experiencial, as demandas do mercado orientaram sua produção. Foi fruto de uma encomenda não muito rentável, pois o comprador não as buscou e desde então dona Irineia as expõe no galpão esperando vendê-las aos turistas.

A saída dos objetos não é difícil em função da simbologia da obra e seu preço varia entre dez e quinze reais, conforme o tamanho da peça.

Figura 4: A mão fechada da luta negra de Zumbi



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

As mãos fechadas trazem o polegar sobre o dedo indicador. Passaram pela técnica do alisamento e a forma como os dedos foram delineados com sulcos transmite a sensação de profundidade. Cada dedo é diferente do outro, assim como cada mão é também uma obra singular.

Segundo as palavras da própria artesã, a árvore com pessoas em seus galhos retrata uma situação real vivenciada pelo povoado com as chuvas e as enchentes de 2010, quando dezenas de moradores do Muquém, na área mais próxima ao rio Mundaú, subiram em uma árvore para fugir da correnteza e com isso salvaram suas vidas.

Figura 5: A árvore da vida no povoado Muquém



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

A árvore não define folhas, somente o tronco e os galhos que sustentam pessoas que possuem fisionomias similares sem distinção de gênero ou detalhamento de vestimentas. Todavia, resalta-se o nariz e os olhos em uma expressão que sugere angústia.

Já as cabeças africanas estão presentes em grande quantidade no galpão da artesã, sendo algumas das peças mais procuradas pelos compradores. As mais famosas cabeças, com “pitote” (penteado que dispõe pequenos volumes de cabelo amarrados com destaque sobre os demais), foram inspiradas nas personagens negras das novelas da Rede Globo, segundo relato da própria artesã.

Figura 6: As cabeças africanas de Mestra Irineia



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

As cabeças trazem olhos, nariz, orelhas e lábios bem delineados. Os cabelos com trançados são bem definidos por sulcos decorativos. As fisionomias expressam seriedade.

Além dessas peças, Mestra Irineia também esculpe imagens de santos como São Francisco de Assis, de bois, cangaceiros, beatas em posição de oração com as mãos unidas (que servem como cofre), de grupos de pessoas no próprio ato de queimar a cerâmica em forno aberto, outros grupos buscando água em um poço, mulheres com vasilhames de água na cabeça e duas figuras em um beijo singelo.

O valor de um objeto cerâmico não se caracteriza somente por sua estética, mas fundamentalmente por seu modo de fazer tradicional e toda a bagagem cultural na qual está imiscuído o artesão. Dessa forma, entende-se cultura

como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis [...], a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições, os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1989:24).

Entre o patrimônio e a Economia da Cultura: bens culturais e serviços.

A implementação do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial normatizado pelo Decreto nº 3.551/2000 ampliou as ações de tombamento do patrimônio histórico nacional à partir de novos instrumentos de acautelamento dos bens intangíveis, à saber, os: Livro de registro dos saberes, Livro das formas de expressão, Livro das celebrações e Livro dos lugares. Estando contido nos dois primeiros livros os “conhecimentos e ‘modos de fazer’ enraizados no cotidiano das comunidades” (PELEGRINI, 2009:29-30).

A preocupação com o registro da memória coletiva⁵ e a salvaguarda do patrimônio cultural decorrem do reconhecimento de que: “as expressões culturais constituem um dos mais intensos exemplos da criatividade e da persistência das tradições das diversas etnias que se entrecruzaram e formaram a nação brasileira”. (PELEGRINI; FUNARI, 2008:82).

Os ceramistas do povoado Muquém têm aprendido a aliar o valor da tradição cultural ao valor monetários das peças que produzem, inserindo-as no mercado de forma à manterem o controle de circulação (produção-compra-venda) das obras ao utilizarem a Associação Ádapo Muquém que funciona como um centro de comercialização.

A ausência de trabalho com cartão de crédito inviabiliza muitas transações com turistas e limitam o potencial de venda dos produtores. Também foi identificado um problema na distribuição da produção ceramista para fora do município de modo autônomo, sem o envolvimento de atravessadores que especulem sobre o preço real das peças e fiquem com a lucratividade real.

Figura 7: Associação Ádapo Muquém de comercialização do artesanato

⁵ Partindo-se da premissa de que a memória coletiva é “uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (HLBWACHS, 2006:102).

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL



Fonte: Foto Janaina Mello (fevereiro de 2013)

Todavia, ressalta-se que a Associação tem realizado seminários vinculados à projetos para o fortalecimento da memória, das raízes e tradições culturais locais – muitos em parceria com pesquisadores vinculados ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab/Ufal) – além das vendas das peças solicita a assinatura daqueles que adentram sua instalação em um “livro de visitas” para utilização na captação de recursos via concorrência de editais públicos.

É exatamente a fortalecer a liberdade de escolhas das pessoas que atuam na esfera cultural e a concretizar o potencial econômico da produção cultural, que se dedica a economia da cultura. Ela oferece elementos que explicitam a análise das relações econômicas da cultura, destrincha os gargalos das cadeias econômicas dos bens e serviços culturais e utiliza mecanismos de remuneração e acesso a bens e serviços culturais, que envolvem os direitos de propriedade intelectual (REIS, 2009:35)

O aprendizado das relações de fluxo circular de renda no mercado pelos pequenos povoados produtores, inserindo-os nos eixos de oferta e procura visa o bem estar da comunidade envolvendo questões econômicas que são referências para a mesma, como produção, distribuição, escassez, necessidades, incentivos, escolhas, observadas no diagrama abaixo:

Figura 8: Diagrama do movimento econômico



Fonte: VALIATI, 2009:55.

Apropriar-se da cultura não apenas através das relações identitárias, mas também monetárias faz com que os grupos sociais, que outrora estava à margem da macroeconomia, se “empoderem” de seus próprios destinos como sujeitos de suas trajetórias.

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado teve como objetivo promover uma reflexão sobre a articulação “patrimônio cultural imaterial – economia da cultura” com o intuito de entender a cadeia produtiva vinculada à circulação das peças de artesanato em barro em seus valores culturais e de mercado.

Á partir do estudo de caso do “modo de fazer” da Mestre Irineia, no povoado do Muquém em Alagoas, é possível identificar que suas escolhas estéticas não se orientam apenas pela manutenção das tradições da cultura negra remanescente quilombola, mas também pelas tendências oriundas da mídia e da demanda daqueles que encomendam suas peças.

A consolidação de centros comerciais de artesanato, gerenciados pela própria comunidade, tende à fortalecer o fluxo de oferta e lucratividade, todavia, estes precisam de modernização e aprendizado das dinâmicas de exportação e negociação via crédito e débitos automáticos.

Através desses elementos geradores de renda será possível ver as novas gerações interessando-se pela continuidade dos trabalhos de seus pais e avós ao invés de buscar outros

empregos fora do povoado que terminam por interromper o ciclo de transmissão dos saberes tradicionais, bem como ameaçar a continuidade do patrimônio imaterial das comunidades.

Referências Bibliográficas

BARRETO, Hélia Maria de Paula. **Produção cerâmica Xocó**. A retomada de uma identidade. São Cristóvão/Aracaju: EDUFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

COSTA, Jairo José Campos da. Diversidade na UNEAL: resgate da cidadania de jovens da comunidade remanescente de quilombos Muquém, em União dos Palmares, Alagoas. In: SILVA, Eliane Bezerra da; MELLO, Janaina Cardoso de (Orgs.) **Diversidade Cultural**. Universidade e etnias negra e indígena em Alagoas. João Pessoa: EDUFPB, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT Ed. S.A., 1989.

_____. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MASCARENHAS, João de Castro; BELTRÃO, Breno Augusto; SOUZA JÚNIOR, Luiz Carlos de (Orgs.). **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea**. Diagnóstico do município de União dos Palmares, estado de Alagoas. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio cultural**: consciência e preservação. São Paulo: Brasiliense, 2009.

_____; FUNARI, Pedro Paulo. **O que é Patrimônio Cultural imaterial**. Col. Primeiros Passos, 331. São Paulo: Brasiliense, 2008.

REIS, Ana Carla Fonseca. Economia da Cultura e Desenvolvimento. Estratégias nacionais e panorama global. In: _____. MARCO, Kátia (Orgs.). **Economia da Cultura**. Idéias e vivências. Rio de Janeiro: Publit, 2009. pp. 25-36.

SEBRAE-AL. Um olhar no norte caminho de engenhos e escravos & rota de liberdade – passeio ao Vale do Mundaú. In: **Mapeamento Cultural do Litoral Norte e Parte do vale do Mundaú em Alagoas**. Nº 1, Maceió: Antares, 2004.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e; BOMFIM, Edilma Acioli (Orgs.). **Dicionário Mulheres de Alagoas ontem e hoje**. Maceió: EDUFAL, 2007.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

VALIATI, Leandro. Introdução à economia. Uma abordagem prática. In: REIS, Ana Carla Fonseca; MARCO, Kátia (Orgs.). **Economia da Cultura**. Idéias e vivências. Rio de Janeiro: Publit, 2009. pp.49-59.